

# **O USO DO MEME NA AULA HISTÓRICA**

o meme como linguagem no ensino de história

## **RESUMO**

Este trabalho consiste em uma análise do potencial do meme como linguagem no ensino de história a partir da perspectiva da Educação Histórica. Para tal, é realizada uma pesquisa em torno de compreender o meme como linguagem das redes sociais a partir de uma perspectiva semiótica, e de como este objeto pode ser abordado dentro do campo da Teoria da História como um artefato da cultura histórica. Buscando relacionar a história com a vida prática, e o ensino com o contexto cultural do momento atual, considerando as novas tecnologias comunicacionais e suas respectivas linguagens no desenvolvimento do pensamento histórico dos estudantes. Sendo assim, a metodologia de ensino de história adotada neste trabalho é a da Aula Histórica, proposta por Maria Auxiliadora Schmidt, que tem suas bases no trabalho do filósofo da História alemão Jörn Rüsen.

Palavras-chave: meme, ensino de história, cultura histórica, aula histórica.

## **1. INTRODUÇÃO**

O contexto atual é complexo e desafiador para o ensino de história, tendo em vista que, no início do século passamos por uma grande revolução comunicacional e no compartilhamento de informações com o advento da internet 2.0 e da popularização da interatividade proporcionada pelas redes sociais, e que somado à necessidade do isolamento social acarretado pela pandemia do covid-19 este processo foi intensificado.

Neste contexto, cada vez mais os estudantes têm tido contato com outros meios de informação, destes, podemos ressaltar a influência das redes nas relações sociais e políticas no mundo atual. Desde os protestos da primavera árabe em 2010, organizados nas redes sociais,

tornou-se cada vez mais comum a organização política através destas que, notoriamente tornaram-se espaço de compartilhamento de informações e desinformações para legitimar posições políticas. Este processo, que acabou por descentralizar o compartilhamento de informações, criou algumas perturbações em nossa realidade. O fluxo e agilidade com que se comunica e se transmite ideias fez com que nossa percepção temporal fosse afetada, tudo tem acontecido mais rápido. Outra perturbação ocasionada por esta revolução comunicacional é a intensificação da descentralização dos saberes (CADENA, 2018). Desta maneira torna-se essencial para todas as áreas de ensino se apropriarem das linguagens e ferramentas de comunicação distintas que têm surgido no espaço virtual.

No caso da História existe uma urgência maior para com os problemas ocasionados por esta revolução comunicacional. Dentro das redes sociais, as discussões políticas invadiram o campo da História principalmente por meio dos memes, uma forma de linguagem oriunda do meio virtual.

Podemos destacar como ponto forte das redes sociais um interesse da sociedade em participar ativamente de discussões que outrora pareciam pertencentes ao mundo acadêmico ou intelectual, isto acontece por conta do sentimento de autonomia que a internet 2.0 e as redes sociais trazem consigo. A interatividade das redes sociais acaba por dar a oportunidade de “todos serem ouvidos”, criando uma falsa noção de autonomia por facilitar com que opiniões, mesmo que sem fundamento científico ou lógico, sejam reconhecidas ou, no mínimo, compartilhadas com outras pessoas. Neste cenário, o meme entra como uma ferramenta de extrema relevância, pois através dele, é possível emitir opiniões e ideias de uma maneira mais aceitável e rápida. (COSTA, p.06, 2019)

É importante compreender o meme como uma forma de comunicação que tem como principal característica a propagação de ideias (sentimentos, significados, informações) de maneira simples e rápida, muitas vezes apelando para o humor, apresenta-se como um verdadeiro “marketing viral”. Ressaltando que o termo é originário da Biologia, criado por Richard Dawkins em sua obra “*O Gene Egoísta*”(1976) para explicar genes que buscam replicar-se em futuras gerações. Foi Escobar (2014) que descreveu o meme como uma unidade de transmissão cultural e de sentidos. Este é uma fonte de informação nas redes sociais totalmente descentralizada, e que ao ser utilizado dentro de discussões principalmente voltadas para a política no Brasil, tendem a se apropriar de argumentos que buscam na História sua legitimidade.

Durante a graduação (2016-2019) no curso de História-Licenciatura da Universidade da Integração Latino Americana (UNILA), surgiu como interesse de objeto de estudo o uso dos memes para o ensino de História. Por conta de uma certa carência de trabalhos que

relacionassem diretamente o meme com o ensino de história, abarcando conceitos desenvolvidos pelo campo da didática da História, tornou-se necessário dividir a pesquisa por etapas. A primeira parte, esteve focada no objetivo de entender onde o meme poderia se encaixar dentro da teoria da História, sendo assim, o primeiro passo foi compreender como os usuários de redes sociais através dos memes se apropriaram da História, caracterizando este como um artefato da cultura histórica.

Por fazer parte da cultura digital das redes sociais, que atualmente estão no centro de nossas relações sociais, e são um dos principais meios de compartilhamento de informações<sup>1</sup> em nossa sociedade, o meme acaba por influenciar diretamente no conhecimento histórico que as pessoas constroem em seu imaginário, sendo assim, está influenciando em nossas memórias coletivas. Como exemplo da importância deste fenômeno podemos destacar trabalhos focados em analisar como este tem influenciado na sociedade, como é o caso do texto *Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rousseff no Brasil* (CARNIEL;RUGGI;RUGGI, 2018) no qual os autores discorrem uma análise de diversos memes retirados das redes sociais, os quais apresentavam uma narrativa misógina que objetivavam deslegitimar a então presidenta e fomentar a opinião pública contra a mesma e a favor do impeachment. Seguindo pela mesma linha de analisar o impacto dos memes na opinião pública e na memória coletiva brasileira podemos destacar outros dois processos importantes para a história do Brasil recente: a eleição de 2014, a qual se debruça o texto *A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014* (2016); e a ascensão de Bolsonaro à presidência da república em 2018, fato este abordado no trabalho *Bolsonaro: Os Memes e a Propagação do Mito* (NIGRO; SANTANA;GOVEIA, 2018)

Diante da atual conjuntura, na qual enfrentamos uma grave crise sanitária, observamos nos últimos dois anos um processo de descredibilização da ciência. Este processo não é fruto apenas destes dois últimos anos. Nossa sociedade tem enfrentado problemas para discernir ficção (fake News) de realidade (fatos), inclusive encontramos dificuldades para combater os efeitos da pandemia, tendo em vista que as redes sociais tomaram protagonismo na construção de uma narrativa anti-ciência, o que levou à criação de algumas ferramentas de controle do compartilhamento de fake news. Isso para o campo da História pode representar um grande risco, em sua obra *Como funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”* Stanley (2018) elenca dez pilares da política fascista, dentre estes, cabe destacar a *irrealidade*. Utilizando o

---

<sup>1</sup> Aqui devemos entender o compartilhamento de informações como o ato de se comunicar.

Brasil como exemplo deste fenômeno que engloba várias partes do mundo, podemos apontar um processo de destruição da realidade, a ponto de atualmente estar aberta uma comissão parlamentar de inquérito para investigar o disparo em massa de fake news.

O que podemos observar é que apesar da enorme inserção ao mundo virtual e suas possibilidades comunicacionais, nossa sociedade, inclusive os nativos digitais (PRENSKI, 2001) têm enfrentado dificuldades para discernir a realidade de fake news. Neste sentido, os trabalhos que abordam a influência do meme em nossa sociedade e na história recente do País aqui já citados e outros mais, podem nos ajudar a compreender como o meme tem influenciado para esta “destruição da realidade” ao influenciar em como e o que as pessoas aprendem do passado. A História como ciência e os seus profissionais (tanto historiadores quanto professores de história) devem se apropriar dessas ferramentas, a fim de entender como estão influenciando na construção do pensamento histórico e poder propor alternativas para o ensino de História, tendo em vista que como se ensina depende de saber como os indivíduos aprendem (LIBÂNEO apud SCHIMIDT, 2017).

Partindo do pressuposto de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção (FREIRE, 2019) e de que a reflexão acerca das experiências individuais e coletivas dentro das três dimensões temporais é uma atividade mental do cotidiano do ser humano, cabe a Didática da História entender como as pessoas aprendem e lidam com a História. Compreendendo a História como uma categoria de análise da realidade e tendo em vista que as escolas são um espaço histórico-cultural em constante transformação e construção (ROCKWELL; EZPELETA, 2007), é importante considerar que os estudantes trazem de casa muitos conhecimentos prévios devido ao contato com alguns conteúdos históricos frutos dessa interação com memes fora do ambiente escolar. Mas o interesse da didática da História e da escola por estas novas linguagens deve ir além de utilizá-los para o ensino, pois ao se apropriar destes como ferramentas pedagógicas, podemos (devemos) ensinar -ou desenvolver modos- de lidar com estas novas tecnologias de uma maneira menos prejudicial a própria realidade vivida no mundo material.

Desta forma, este trabalho objetiva em primeiro plano realizar uma análise de como, onde e de que forma o meme pode contribuir para a aprendizagem histórica, a fim de elaborar uma proposta de aula histórica na qual se utilize o meme como linguagem para o ensino de história. Para isso, a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho busca suas bases na filosofia da história, principalmente nos conceitos do filósofo da história alemão Jörn

Rüsen, visando explorar a relação entre cultura histórica e consciência histórica. A metodologia do ensino de história escolhida é baseada no trabalho da professora Maria Auxiliadora Schmidt no qual a autora propõe um modelo de aula, nomeado por ela como *Aula histórica*.

Sendo assim, cabe iniciar a pesquisa buscando compreender o meme como uma forma de linguagem, e em um segundo momento relacionar o mesmo com o conceito de cultura histórica e explorar sua relação com a consciência histórica, tendo em vista que a cultura histórica é a práxis da consciência histórica. Desta forma, esta pesquisa e a análise aqui realizada é referenciada pela educação histórica, assim, as categorias: cultura histórica e consciência histórica tornam-se essenciais para a análise do meme como uma ferramenta no ensino de história.

## **2. O MEME COMO LINGUAGEM**

Partindo do pressuposto de que a narrativa se apresenta como forma e função da aprendizagem histórica, e esta por sua vez é desenvolvida e construída na e pela linguagem, torna-se necessário a compreensão do meme como linguagem a fim de que se possa utilizar seu potencial comunicacional. Para tal, a partir daqui nos referenciamos ao trabalho *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*, de Horta (2015), no qual a autora busca fundamentar o meme como uma forma de mediação entre mundo e pensamento, ou seja, uma maneira de criar e compartilhar representações, esta por sua vez apresentaria certa regularidade, sua própria “gramática”

Horta parte do pressuposto de que os meios são extensões tecnológicas do ser humano, entendendo o meio de comunicação (neste caso a internet) como extensão da consciência. Desta forma, através de uma perspectiva semiótica, a autora compreende que os memes são signos organizados de uma maneira particular que emergem uma significação, dando origem assim a uma forma de linguagem. Tendo a linguagem como a organização, a ordem e a forma do texto, é necessário que o ponto crucial para esse entendimento esteja na concatenação entre as ideias de forma e de processos de produção de significados (HORTA,2015).

Para desenvolver a compreensão do meme como linguagem, a autora busca identificar primariamente características do objeto que apresentam as regras que configuram esta maneira

de se comunicar. Iniciando sua análise do objeto desde sua analogia com os genes, realizada pelo etólogo darwinista Richard Dawkins

O termo que batiza o nosso objeto foi originalmente cunhado pelo etólogo Richard Dawkins que, vislumbrando uma relação de sua teoria do “egoísmo do gene” com a cultura, concebeu o vocábulo para abarcar a ideia do que seria um correspondente do gene no caldo cultural humano. Desse modo, para ele, o meme é uma unidade de replicação e, assim como o gene que salta de corpo para corpo carregando uma informação, o meme circula de cérebro em cérebro por meio de um processo que, de maneira ampla, pode ser chamado de imitação (DAWKINS, 2007, p. 330). O etólogo não definiu precisamente qual seria essa unidade, portanto, entendemos que, com seu construto teórico, ele estava buscando uma noção geral do devir da cultura, tanto é assim que exemplifica como meme objetos bastante diferentes, como “melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (idem) (HORTA, p. 13, 2015.)

Caminhando em direção a uma abordagem do conceito relacionada a um conceito de cultura influenciada pelo campo da semiótica, distanciando-se do campo da memética fundado na biologia.

O meme pode ser pensado, assim, como ação do signo, isto é, uma mediação estabelecida entre algo a que ele se refere, ou se aplica, e os efeitos que são produzidos na mente de quem se põe em relação a esse objeto – informações “lidas e escritas” em sua linguagem. Dessa forma, se compreendermos o processo comunicativo, colocado aqui de modo simples, como a emissão e a recepção de mensagem, é certo que essa dinâmica envolve representação, mediação e compreensão, não podendo haver, assim, comunicação sem essa ação do signo – articulação que nos permite superar também algumas limitações da teoria de Dawkins, que a princípio não parece se ocupar do meme como um processo que envolve o entendimento. (HORTA, p.21, 2015.)

Em busca de fundamentar o meme como uma linguagem, Horta descreve a importância de uma ação dialógica deste objeto, tendo em vista que o meme cumpre uma das funções primárias da comunicação, a de emissão e recepção de uma mensagem, envolvendo no processo; representação, mediação e compreensão. Ao analisar o meme, a autora ressalta que para cumprir seu objetivo de pesquisa, é necessário a identificação e compreensão de três aspectos desse objeto: o *normativo*, o fato deste possuir uma regularidade; o *social*, as relações compartilhadas que surgem a partir do mesmo, ressaltando que a comunicação é algo público, comunitário e não privado; *dar novos sentidos*, novas formas de se compreender o mundo.

A primeira conceituação de meme na qual se apresentava em uma analogia entre meme e gene, buscando características e costumes do ser humano -cultura com uma visão influenciada pela biologia- que estivessem relacionadas ao sucesso evolucionista da espécie, estava distante do atual conceito de meme de internet. Porém, levando em conta sua primeira conceituação o meme pode ser entendido como um replicador, que funciona através da imitação. A partir desta característica primordial, segundo Horta, é possível identificar outras três características

fundantes e fundamentais para a compreensão do mesmo, que nos possibilitam o entender de seu caráter normativo, social e de dar sentido, seriam elas: *Longevidade, fecundidade e fidelidade*. A longevidade está relacionada à capacidade do meme de permanecer no tempo; a fecundidade à capacidade de difusão do meme e a fidelidade está relacionada à capacidade de gerar réplicas mais similares possíveis.

É também a partir da conceituação original do meme que podemos relacionar seus três aspectos normativos e sociais. De uma forma geral os memes apresentam como característica a *repetição*, este aspecto se relaciona com a ideia de imitação de Dawkins, porém o meme não gera cópias idênticas, a este processo podemos relacionar outra característica deste objeto, a da *recriação*, o meme da internet na maioria das vezes é compartilhado com alterações realizadas diversas e diversas vezes, ou seja, implica uma intervenção direta de quem reproduz influenciados pelo contexto vivido. Este fato nos remonta ao terceiro aspecto de *compartilhamento de informação*, estas três características do meme *repetição, informação e recriação* possibilitam a esta forma de linguagem uma maneira particular de gerar sentidos. Neste ponto, o entretenimento assume papel importante, devido à imersão em um ambiente de informação e alienação, levando em conta uma ampliação da interação proporcionada pelo meio como extensões dos sentidos corpóreos.

Horta explora a relação entre meio de comunicação, linguagem e cultura, partindo do pressuposto de que cultura e linguagem são como organismos que se retro-alimentam, e que o uso das diferentes tecnologias afetam tanto a estrutura da cultura, quanto a organização dos sentidos humanos, considerando que a cultura consiste em inteligência e memória coletiva. Sendo assim, a partir do uso dos conceitos da semiótica<sup>2</sup>, Horta relaciona a internet com o conceito de semiosfera<sup>3</sup>, tendo em vista que a semiosfera é uma condição de existência da linguagem, desta forma, seria o espaço semiótico no qual o meme se apresentaria como linguagem.

Assim, podemos entender o meme como uma cultura, com um espaço semiótico próprio (também uma semiosfera, por assim dizer), possibilitado pelas interações na internet, esta entendida como extensão da consciência. No entanto, a ideia de que há um espaço semiótico que precede a linguagem poderia soar como um paradoxo, uma vez que, se a linguagem é cultura, como poderia a cultura preceder a linguagem? O paradoxo, no entanto, não chega a configurar uma contradição, se entendemos que a

---

<sup>2</sup> Semiótica é o **estudo dos signos**, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais.

<sup>3</sup> Um novo domínio de idéias científicas para o estudo da cultura. Todo conceito tem uma história. Nesse sentido, a semiosfera é o espaço de encontros entre diferentes culturas.

cultura cria e é criada pela cultura (NÖTH, 2007, p. 92), a cultura depende de processos como a comunicação, a semiose e a linguagem para sobreviver, também existindo apenas a partir deles (RAMOS et al., 2007, p.35), podemos vislumbrar, desse modo, a relação de cultura e linguagem como um organismo que se retroalimenta. (HORTA p. 57, 20150)

Desta forma, ao ter o entendimento básico de que a linguagem seria o uso dos signos, de modo que essa utilização envolva o conhecimento ou a consciência da relação de significação, Horta busca explorar de que maneira o meme como linguagem realiza o processo de externalizar um pensamento, uma representação do mundo. Para isso, a autora utiliza a definição de (BARRENA apud HORTA, 2015) interpretando o signo como tudo aquilo que pode mediar e levar a diante da mente uma ideia, aquilo que for capaz de manifestar algo para um terceiro (HORTA, 2015).

Para a compreensão do processo da comunicação, no qual a linguagem realiza a mediação entre pensamento (interpretante) e mundo (objeto), é necessário destacar que existe uma relação triádica entre *signo*, *objeto* e *interpretante*, os quais seriam todos signos, porém o que os diferenciam são as funções que exercem. Horta utiliza o trabalho de Peirce, o qual estabelece três correlatos do signo: a primeiridade (*representamen*), a secundidade (*objeto*) e a terceiridade (*interpretante*)

As três consistem em formas de classificar características do faneron: “o total coletivo de tudo que está de algum modo presente na mente, não obstante se isto corresponde a qualquer coisa real ou não” tudo aquilo que se manifesta para a mente indistintamente, portanto, a abordagem fenomenológica de Peirce não se preocupa com a realidade do fenômeno, mas apenas com a sua manifestação, sua aparência (GOMES apud HORTA p. 66. 2015)

A primeiridade abarca um fenômeno com caráter sensitivo, antecede até mesmo o entendimento, não é mais que uma mera possibilidade, Peirce aborda a primeiridade como pura liberdade, espontaneidade, possibilidade para que o novo aconteça, a primeiridade, como o termo já diz, é o “primeiro”, sendo assim, indica ausência de um “outro”, não possuindo assim relação com qualquer outra coisa (GOMES apud Horta, 2015). O “outro”, a alteridade faz parte dos fenômenos da secundidade, categoria esta que abarca as experiências que dependem do tempo e do espaço, ou seja, envolve experiências do passado.

[...]um outro que força a sua presença à nossa existência, algo à parte de nós mesmos, “sem que (ainda) o tenhamos podido classificar ou descrever”. Nesse sentido, a secundidade é um evento que ainda não pode ser conceitualizado, algo que simplesmente existe, independentemente das nossas opiniões ou expectativas. (HORTA p.67, 2015)

Já a terceiraidade indica continuidade, tem a ver com a interpretação, cria e organiza o caos deixado pelos dois primeiros fenômenos sógnicos.

[...] pertence tudo aquilo que é determinado por uma maneira de ser e por uma atividade espiritual consciente, que há que ser entendido sob os termos de pensamento, conhecimento, regularidade, coordenação, representação e comunicação, e entre os quais se deve incluir também o próprio signo como um representamen, como por vezes diz Peirce. “Pensar” sempre comparece como um sistema de três relações: 1. alguém que pensa, 2. o pensado, e 3. o pensar. (WALTHER-BENSE apud HORTA. p. 68, 2015)

Podemos resumir estas três categorias fenomenológicas, com a relação que é possível fazer com os estados da mente, a qual cada uma representa. A primeiraidade está relacionada ao *sentir*, a segundaidade à *vontade*, e a terceiraidade ao *conhecimento*. Para Horta a linguagem do meme pode ser compreendida como um fenômeno da terceiraidade, este também seria um legi-signo<sup>4</sup>.

A partir da conceituação do meme como linguagem a autora busca trabalhar como o treino da percepção a partir desta linguagem potencializa a geração de sentidos, para isso utiliza o conceito de jogos de linguagem que a mesma descreve como

[...] usos intencionais da linguagem, que no meme recorrentemente se articulam em ações como comentar uma notícia, criticar, escarnecer alguém ou alguma situação, desabafar, emitir uma opinião, expressar um sentimento, vinculados a outras ações tais como postar, tweetar, compartilhar. (HORTA, p. 77, 2015)

Desta forma torna-se perceptível a articulação entre paródia, repetição e contexto que ocorre no uso dos memes como maneira de acessar o real, de compreender o mundo, e que esta forma de linguagem constrói uma comunidade linguística.

podemos afirmar que a compreensão de uma ocorrência memética decorre da capacidade do interlocutor de relacionar um meme com outros objetos, isto é, fatos, imagens, eventos, sua vida particular, um clichê, um estereótipo, entre outros elementos que fazem parte da circunstância de produção e recepção de um meme inseridos no contexto de uma “cultura de memes da internet”. Entender a construção de sentido em uma linguagem é, portanto, estar ciente dos jogos que os falantes dessa linguagem realizam, em determinadas conjunturas, a partir de certa regularidade (generalidade, regras, hábitos) que revelam uma relação (mediação) do pensamento de uma coletividade com o mundo, pois falar uma linguagem nada mais é que falar do mundo. (HORTA, p.87, 2015)

Neste processo de representação do mundo, a linguagem como um fenômeno público e social envolve o ato de compreender e de referir, os quais estão sempre presentes nos memes da internet, que geralmente no processo de mediação utilizam referências culturais (filmes,

---

<sup>4</sup> A identidade de um legi-signo se dá assim pela margem de signos semelhantes a ele que é capaz de gerar.

programas de tv, vídeos virais, músicas, política e etc) para demonstrar uma compreensão e/ou uma análise do mundo, a este processo Horta denominou semiose<sup>5</sup>, utilizando mais um conceito do campo da semiótica.

O significar é uma atividade que prescinde os três correlatos aqui já explicitados, o signo, o objeto e o interpretante. Horta frisa que a ação do signo consiste em funcionar como mediador entre objeto e o efeito que se produz numa mente que interpreta, compreende, dá sentido (HORTA,2015). Desta forma, torna-se interessante para este trabalho, a exploração de outros três conceitos utilizados pela autora para descrever e analisar o processo de mediação do meme para com as representações do mundo.

O *interpretante imediato (primariedade)*: o qual consiste naquilo que um signo está apto a produzir numa mente interpretadora, é apenas uma possibilidade de sentido, aqui ainda descartando o contexto; o *interpretante dinâmico (secundidade)*: o qual seria o ato particular de interpretação, um fato empírico, que na elucidação do meme de internet, podemos entender sua manifestação como uma réplica de um meme que configura o entendimento, a interpretação, a (re)leitura que uma pessoa faz de algo; e o *interpretante final (terceiridade)*: o qual aparece como uma propensão para onde rumam os interpretantes dinâmicos, sendo assim um limite ideal aproximável, mais inatingível da compreensão.

As ocorrências meméticas se manifestam, assim, como uma semiose, uma sucessão de leituras sobre um evento, uma imagem, um vídeo, algo que desencadeie um meme enquanto processo. Essas réplicas (que são também signos) são produzidas em uma situação comunicativa, um contexto cultural de apreensão, e dão continuidade a semiose, tornando-se objetos de um entendimento, uma vez que a compreensão dessas réplicas proferidas é também um ato semiótico: também envolve a ação do signo, a presença de um terceiro, isto é, a mente que os entende e interpreta. (HORTA, p. 97, 2015)

Utilizar memes com conteúdos históricos em sala, torna-se uma ferramenta para o ensino de História, porém antes que possamos passar a como utilizar esta ferramenta em uma aula histórica, é necessário entender de que maneira estes memes históricos são utilizados e utilizam a história nas redes sociais.

### 3. CULTURA HISTÓRICA

---

<sup>5</sup> Processo de significação: como algo se dá a conhecer, ganhando sentido em uma comunidade.

Diante do fato desta pesquisa ter sido dividida em partes, cabe aqui, realizar uma atualização da primeira parte, a qual se dedicava a compreender onde e como o meme poderia se relacionar com a teoria da História, utilizando como base para a análise, o trabalho de Jörn Rüsen. Neste sentido, o conceito de cultura histórica abordado pelo teórico e filósofo da história, torna-se fundamental, pois, trata-se de um campo amplo que visa explorar e analisar as dinâmicas da memória e dos usos públicos da história, remete a teoria da história ao ponto de partida de suas reflexões: à origem do pensamento histórico na vida humana (RUSEN, 2016).

O campo da didática da história realiza um construto teórico que considera que as experiências vividas pela humanidade, devem servir ao propósito de orientação na vida prática, envolvendo neste processo mental: *percepção, motivação, interpretação e orientação*. Para Rüsen, a cultura está relacionada ao agir e sofrer da humanidade para sua sobrevivência, esta opera em duas esferas, a externa em lidar com o mundo e a alteridade; e a interna que se relaciona com a própria razão da existência, os conflitos e as vontades biológicas. Neste sentido, a história é entendida pelo autor como a cultura situada no tempo.

A operação mental de orientação do presente a partir das experiências do passado, interpretadas e relacionadas com o contexto, é chamada de consciência histórica, esta sintetiza a experiência temporal que vem do passado com a expectativa temporal que se abre para o futuro (RUSEN, 2016). Nesta operação, as experiências do passado são trazidas ao presente, interpretadas sob a influência do mesmo, e contribuem para a compreensão das circunstâncias vividas, a fim de racionalizar a decisão diante da contingência, de orientar-se no tempo. Essa articulação temporal entre passado, presente e perspectiva de futuro é o que funda a própria História. Trata-se do uso da história como uma categoria de análise da vida, em sua essência.

Desta forma, a consciência histórica é um fenômeno do cotidiano, fundamental e até universal na produção cultural da práxis vital humana, esta se apresenta em dois aspectos, que estão relacionados às duas esferas da cultura aqui já explicitadas. O aspecto exterior: consiste em que o marco orientativo da práxis humana da vida prática recebe uma direção temporal, mediante esta determinação da direção se pode interpretar as mudanças que se vive, identificar o que a ocasionou e perspectivar suas consequências; já o aspecto interior da consciência histórica orienta formando uma identidade histórica, dota o sujeito de uma ideia de si próprio, sendo a identidade uma relação auto interpretativa.

Podemos compreender a cultura histórica como expressão da consciência histórica, levando em conta a relação de interdependência destes dois fenômenos. A cultura histórica é a práxis da consciência histórica, e por outro lado influencia diretamente na formação da consciência histórica, isto porque ambas estão relacionadas às dinâmicas da memória e do recordar.

Desse modo, a cultura histórica se pode definir como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade. Como práxis da consciência tem a ver, fundamentalmente com a subjetividade humana, com uma atividade da consciência, pela qual a subjetividade humana se realiza na prática, se cria, por assim dizer. (RUSEN, p.4, 1994. tradução nossa.)

A cultura histórica aborda as dinâmicas da memória e seu papel na esfera pública, é parte do deslocamento da visão de análise do homem e de seu mundo, na qual a cultura ganha espaço como objeto de pesquisa. Neste sentido, este conceito aborda os usos públicos da história, explorando e analisando as relações com o recordar que a sociedade desenvolve, desta forma, o conceito engloba dentro de seu campo de conhecimento produções culturais, museus, escolas, teatros, filmes e agora a internet. Sendo assim, este conceito trouxe novamente para o centro da discussão da disciplina, a questão: a quem pertence a história? Questão esta que traz para o debate as complexidades da formação do pensamento histórico, as quais a ciência da História pode elucidar explorando a própria formação do pensamento histórico através do seu manejo científico.

Seja lá do que for que os homens se lembrem, isso inclui sempre acontecimentos que eles próprios não viveram. Esses acontecimentos estão vivos na memória como fatores conformadores, condicionantes das próprias vivências ou como um passado assumido pela consciência temporal dos indivíduos por haver sido contado por outros. A categoria “consciência” possui, pois, um significado fundamental para a compreensão da consciência histórica humana. É com ela que fica claro que as atividades peculiares da consciência histórica humana surgem de uma base mental sobre a qual o passado, interpretado, exerce influência. (RUSEN, p.220, 2016)

Portanto, a abordagem da cultura histórica, faz com que a história seja entendida além dos limites profissionais, trazendo também para o debate do que é a história, as memórias construídas e consolidadas fora do ambiente acadêmico e/ou profissional, contribuindo para o fim da dicotomia entre história versus memória na análise do pensamento histórico. Com isso, fenômenos até então ausentes do campo de análise do pensamento histórico passaram a nele aparecer: aqueles fenômenos nos quais o passado se torna integrante da cultura atual (RUSEN, 2016).

Uma teoria da cultura histórica tenciona explicitar os potenciais da memória, pois esta carrega a consciência histórica com a energia vital de um passado sempre presente. (RUSEN, p.227,2016)

A memória contribui para a compreensão do que é a cultura histórica e como se dá a consciência histórica. É um fenômeno autônomo, pode ultrapassar a duração de uma vida apenas, isto é, trazemos memórias de outras vidas antecedentes à nossa, podemos destacar como as mais recorrente, a memória trazida por nossos antepassados (memória individual), mas também memórias da sociedade (memória coletiva) que são construídas através do tempo, por exemplo a tradicional memória dos mitos de fundação, responsáveis pela criação das identidades nacionais. Utilizando o Brasil como exemplo, logo quando crianças, aprendemos que os portugueses quando se perderam a caminho das Índias teriam “descoberto” o Brasil, e que seria Dom Pedro I um dos fundadores do que hoje é o nosso País a partir do grito de independência.

A memória surge em nossa consciência em três estágios, seriam eles: *comunicativo*, *social* e *cultural*. Segundo Rüsen esta distinção nos possibilita identificar e analisar os processos evolutivos nos quais se constituem as formas de memórias relevantes para a cultura histórica.

Em uma gradação refinada ideal-tipicamente, no início desse processo evolutivo está uma comunicação aberta sobre as múltiplas e diversas formas e conteúdos da memória e da lembrança {memória comunicativa}. Na etapa evolutiva seguinte, pode-se falar de um segundo grau, em que se consolidam algumas formas e conteúdos de maior relevância social. Essa memória social apresenta aqueles elementos do passado a que se referem as comunidades, quando se pensam enquanto comunidade e se distinguem das demais. A memória social pode então evoluir para uma memória cultural. Ela se estabelece como quadro de referência para a integração das várias memórias sociais e para a diferenciação quanto a outras memórias. Os três graus podem ser entendidos como uma consolidação duradoura ou como resistência à mudança. (RUSEN, p.225, 2016)

Para o filósofo da história alemão, a memória emerge de dois modos, pode ser tanto *involuntária* e *receptiva* quanto, ao contrário, *intencional* e *construtiva*. O primeiro seria esta que não controlamos de que forma adquirimos, no qual o inconsciente tem grande influência, realmente acaba por invadir nossa consciência, sendo involuntária, em um processo que o passado invade nosso presente e nos “força” a interpretá-lo, trazendo uma ruptura com algo do presente, nas palavras de Rüsen este tipo de memória traz consigo um caráter de inocência perdida.

O passado é, por assim dizer, “invasivo”. O sentido aqui é recebido ou, se assim quiser, experimentado ou aprendido. Os potenciais de sentido da consciência humana podem ser abordados, assim, de diferentes formas. Em casos extremos, como a superação do

sentido de uma experiência religiosa ou estética, ou como destruição do sentido por uma experiência traumática. (RUSEN, p.225, 2016)

O outro modo, *intencional e construtiva*, tem a ver com uma construção intencional da memória, no qual contam-se histórias, organizam-se interpretações e constroem narrativas mestras, ao contrário do modo receptivo, este busca suas bases no esclarecimento, assume um caráter produtivo, gera sentido de maneira intencional, podemos exemplificar como relevância deste modo, a construção das identidades nacionais.

O primeiro é irreflexivo, o segundo reflexivo. Ambas as formas de efetivação da memória estão, por certo, intimamente conexas - uma não pode ser pensada sem a outra. Juntas, constituem o que se pode chamar de formação de uma cultura da memória. "Formação" é própria a ambas: como impressão prévia e como resultado de uma atividade. (RUSEN, p.227, 2016)

A consciência histórica se articula com o caráter produtivo da memória, a partir das lembranças do passado, o ser humano, é capaz de transmitir sua memória para outros através de uma narrativa deste passado, e esta, de certa forma, auxilia na construção da orientação para a práxis vital, formando assim uma memória coletiva. Rüsen, trabalha com o conceito freudiano de ego, superego e id, relaciona a memória e a orientação da práxis vital com a formação de duas memórias: a memória pessoal e a memória social. A primeira tem relação com o entender de si mesmo e a segunda com a sociedade, afinal o ser humano busca no conhecimento o modo de agir e de sofrer com o mundo e de compreender a razão de sua existência, ou seja, o ser humano busca uma orientação interna (sobre si próprio) e externa (para com o mundo e a sociedade), desta forma a cultura histórica sendo a expressão da consciência histórica, que por sua vez, é a articulação entre as maneiras de se e do que lembrar e utilizar no presente, apresenta-se como um dos alicerces da criação da identidade, seja ela coletiva ou individual..

A cultura é determinada por diversos fatores, dentre eles: pensar, saber, conhecer, valorizar, sentir, crer e etc. Para Rüsen, uma análise com cunho antropológico destes fatores mentais decisivos para a cultura histórica, torna-se pertinente para compreender o desenvolver do pensamento histórico, em função de analisar os elementos cognitivos da constituição histórica de sentido. Sendo assim, o autor destaca cinco fatores: 1-pensar, 2- sentir, 3- querer, 4- valorizar e 5-crer. A partir destes, estabelece cinco dimensões da cultura histórica, são elas: 1- a *cognitiva*, 2- a *estética*, 3- a *política*, 4- a *moral* e 5- a *religiosa*.

A *dimensão cognitiva* da cultura histórica se caracteriza pelo conhecer, envolve um processo cognitivo de conhecimento sobre o passado, seu critério decisivo de sentido é a *verdade*, que no caso, está relacionada à capacidade de fundamentação respeitando um teor

empírico, teórico e normativo. Já a *dimensão estética* da cultura histórica, é colocada por Rüsen como própria à percepção das apresentações do passado nos diversos meios de comunicação (RUSEN, 2016), o critério decisivo de sentido nesta dimensão, é chamado de *beleza*, a dimensão estética está diretamente relacionada a sensibilidade da percepção, atua entre a sensibilidade e a razão. A *dimensão política* da cultura histórica lida com o papel desempenhado pelo pensamento histórico nas lutas pelo poder (RUSEN, 2016), seu critério decisivo de sentido é a *legitimidade*, esta que por sua vez está relacionada à capacidade do domínio (do poder) de receber consentimento.

Nos sistemas políticos em que o exercício do poder e da dominação dependa da adesão de sujeitos livres (cidadãos e cidadãos), o pensamento histórico assume a função legitimadora de manter viva a liberdade humana. Temos aqui uma das razões políticas mais importantes para considerar necessária a cientificidade do pensamento histórico. (RUSEN, p.233, 2016)

A *dimensão moral* da cultura histórica está relacionada à valorização do acontecimento do passado de acordo com normas éticas e morais consideradas pela cultura atual, trata-se de uma dimensão na qual o presente torna-se uma espécie de “juiz” do passado, nesta dimensão a articulação entre presente e passado emerge em uma relação de influência mútua, tendo em vista que a visão que se tem do passado é influenciada pelo presente, e este por sua vez é regido por critérios normativos construídos e consolidados através do tempo. Seu critério decisivo de sentido tem suas bases na distinção entre *bem e mal*, Rüsen frisa que toda atualização do passado pela cultura histórica ganha significado ao ser interpretada segundo os critérios desta distinção. A *dimensão religiosa* pertence às profundezas da subjetividade humana, está relacionada com o fundamento último do sentido da vida (RUSEN, 2016). Seu critério decisivo de sentido aqui, é o da *salvação* do ser humano de sua finitude.

### 3.1. O MEME COMO ARTEFATO DA CULTURA HISTÓRICA

Os memes fazem parte do novo mundo (ou extensão do mesmo) fundado após a criação e popularização da web 2.0 e suas redes sociais, que foram capazes de interligar pessoas de vários pontos do mundo de modo instantâneo. Estes são partes da chamada cibercultura<sup>6</sup>, nas redes sociais são uma das principais formas de se transmitir uma mensagem ou informação,

---

<sup>6</sup> A cibercultura está ligada à ciência da computação e à Internet. São conhecimentos, costumes, modos de vida e expressões decorrentes do uso de computadores, telefones celulares (telefones móveis) e outros dispositivos tecnológicos.

como já o conceituamos aqui, trata-se de uma forma de linguagem oriunda destes novos meios. Para Rusen (2016), dentro do processo de construção de sentido histórico, os processos linguísticos desta construção podem ser responsáveis por potencializar a geração de sentido e da própria compreensão deste processo, pois, através das simbolizações, possibilitam que a cultura histórica pertença ainda mais ao domínio público, por assim dizer, que esteja mais acessível.

Desta forma, a memória coletiva é constituída também por estes novos meios e suas linguagens. Aqui torna-se pertinente novamente ressaltar como exemplo um processo histórico recente e de suma importância no Brasil, que foi abordado por pesquisadores que escolheram analisar os memes para identificar se e como estes influenciaram o imaginário coletivo de nossa sociedade. Foi através da análise das ocorrências meméticas nas redes sociais voltadas ao processo de impeachment de Dilma Rousseff (2016), que os autores do texto *Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rousseff no Brasil* (CARNIEL;RUGGI;RUGGI, 2018) concluíram que aquele processo histórico escancarou um caráter machista e misógino de nossa sociedade, os memes produzidos com o intuito de deslegitimar a então presidenta construíram uma narrativa que trazia representações que induziram os usuários das redes sociais a relacionar a incapacidade de Dilma com o fato de ela ser mulher.

Essas práticas cotidianas “dentro” e “fora” das telas de computadores, tablets e de smartphones, gerando produtos, performances e narrativas que atravessam descontinuamente as relações *online/offline*. Os memes são um desses produtos digitais que propiciam performances, marcam posições ideológicas e ensinam narrativas coletivas que concorrem para desencadear os processos de representação política no Brasil. Portanto, refletir sobre o modo como eles participam da vida política e como afetam as sensibilidades e as percepções das pessoas não é um desafio meramente metodológico, mas também ético e epistêmico, já que permite entrever as micropolíticas que emergem da economia moral da pretensa multidão. (CARNIEL;RUGGI;RUGGI, p.542, 2018)

É necessário frisar que os memes não foram os únicos responsáveis a construir esta ideia na opinião pública. Revistas e jornais da época também contribuíram, assim como o próprio histórico da cultura machista de nossa sociedade. Porém, é de se ressaltar o papel disseminador do meme nestas relações, pois sua capacidade de potencializar a percepção, a velocidade que consegue fazer uma informação percorrer o mundo de forma quase que instantânea e sua característica de carregar na mensagem algo cômico, traz para este objeto características únicas.

Sendo assim, o meme é capaz de influenciar na opinião pública de nossa sociedade de uma forma diferente das demais formas de comunicação/informação (jornais, televisão,

revistas, livros, filmes), porém, assim como estes outros meios, tem influenciado não só na formação de uma opinião pública que trata apenas do presente, ou seja, há algo de histórico nos memes, principalmente quando estes apresentam o uso da história em suas produções, trazendo mesmo que de forma desintencional uma relação com a memória: *o que e como lembrar de algo do passado*. Neste sentido, este objeto pode ser conceitualizado como um artefato da cultura histórica.

Por se apresentar como uma forma de linguagem da internet, o meme tem como uma de suas principais características a descentralização do compartilhamento das informações, essa forma de linguagem dota os usuários de uma autonomia neste processo de comunicação, cria uma comunidade linguística habituada a realizar representações de suas visões de mundo através das paródias, da repetição e das referências à cultura pop em que o falante está inserido, estas representações apresentam por diversas vezes uma relação com a memória, neste sentido, uma ocorrência memética<sup>7</sup> ou um meme individual podem ser interpretados como uma narrativa.

No caso de alguns memes o histórico dessa narrativa fica mais evidente, nestes a relação com a memória é notória, podemos utilizar como exemplo os memes que trazem relação direta com o conteúdo histórico, estes podemos chamar de *memes históricos*, podemos relacioná-los com a memória intencional construtiva. Em outros é necessário um esforço maior para tal interpretação, pois a relação com o recordar e utilizar as experiências passadas para a interpretação e/ou orientação ocorre em uma relação íntima com o cotidiano. Podemos considerar o meme como um artefato da cultura histórica apenas por essa característica de ser uma representação (um produto) de uma articulação com a memória e as três dimensões temporais da História, porém, aqui é pertinente que se explore ainda mais esta categoria, para elucidar de que maneira o mesmo influencia na construção do pensamento histórico.

Para isso, é necessário compreender como o meme se relaciona com as dimensões da cultura histórica. A dimensão cognitiva está diretamente relacionada à produção dos memes históricos, os quais apresentam certa articulação entre o que se conhece do passado (fatos históricos) e o contexto vivido, realizando referências por vezes cômicas para representar visões críticas (ou não) da realidade. Trata-se do uso do passado de uma maneira que existe

---

<sup>7</sup> Conjunto de memes sobre o mesmo assunto ou tema.

certa pretensão de *verdade* (fundamentação), podendo abrir possibilidades de construção de sentido histórico através do uso de conceitos e categorias da História.

A dimensão estética do meme como um artefato da cultura histórica está intimamente ligada à interpretação, não que esta não esteja presente na produção destes, porém, aqui trata-se de destacar os potenciais ganhos na percepção e de geração de sentido histórico que através das simbolizações que a representação de uma experiência histórica a partir do meme possa proporcionar. Tanto na interpretação (recepção) quanto na produção dos memes históricos, a dimensão estética exerce grande relevância, pois o critério da *beleza* atua entre a sensibilidade e a razão nestes processos. Sendo assim a mensagem compartilhada através do meme, tende a possibilitar uma interpretação mais rápida, tendo em vista o contexto da inserção da sociedade à internet e às redes sociais, acostumada a se comunicar utilizando o meme como uma linguagem.

Ela se caracteriza assim pela imediatez esmagadora da percepção de sensível, pelo excesso e pelo fluxo impressionante de informações, sem sentido que as ordene cognitivamente ou que as diferencie temporalmente. No longo prazo, isso deverá ter consequências notáveis sobre o que entender por história e sobre como fazer valer a compreensão da história como orientadora cultural. (RÜSEN, p.240, 1994)

Podemos destacar o papel exercido pelo meme como um artefato da cultura histórica na dimensão política da cultura histórica atual, ao observarmos sua influência na construção de narrativas que disputam espaço nas redes sociais e no cenário político brasileiro, aqui já foram citados trabalhos que abordam esse fenômeno. Trata-se do uso das experiências históricas para a produção de memes que buscam difundir interpretações que possam construir (ou afirmar) uma narrativa que tem por objetivo legitimar visões políticas. O sentido histórico aqui, se articula com as outras duas dimensões. A dimensão moral está relacionada principalmente com a recepção dos memes históricos, por vezes exerce uma função na parte cômica desta forma de linguagem.

A produção, recepção e o compartilhamento dos memes históricos nas redes sociais representam parte da visão que os usuários das redes sociais têm em relação à História e dos usos que os mesmos fazem dos conteúdos dessa disciplina. Sendo assim, este objeto é capaz de nos possibilitar compreender como as pessoas têm lidado com a História, mas também como aprendem história, desta forma, é possível explorar seus potenciais de geração de sentido histórico para o ensino de história.

Considerando as dimensões cognitivas, políticas, estéticas e morais dos memes históricos podemos entender este artefato como um potencial elemento no processo de ensino aprendizagem da história. Neste sentido, a partir das discussões realizadas pela professora Maria Auxiliadora Schmidt, buscaremos investigar estas potencialidades.

#### **4. O MEME NA AULA HISTÓRICA**

Em seu trabalho *Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História*, Schmidt (2017) realiza uma análise das contribuições da obra de Jörn Rüsen para as pesquisas voltadas para o ensino de História no Brasil. Estas pesquisas utilizam como fundamentação para o ensino de história a própria teoria da disciplina. Sendo assim, Schmidt discorre sua análise utilizando os conceitos e categorias desenvolvidas pelo filósofo alemão para explorar a relação entre a teoria da História e o ensino de história.

Neste sentido, o trabalho de Schmidt (2017), parte de uma base teórica da ciência da história, calcada na filosofia da história, a qual, critica o modelo tradicional do ensino de história, voltado a uma sistematização de ensino baseado na transposição do conhecimento acadêmico “traduzido e simplificado” para as escolas, gerando assim um ensino chamado por Rüsen como didática da cópia (SCHIMIDT, 2017). Nesta perspectiva, considera-se que isso resultou em um distanciamento entre o conhecimento histórico e a vida prática, pois não considera o contexto vivido pelo estudante, muito menos este como um sujeito do processo de aprendizagem, este modelo tradicional de ensino podemos relacionar com o que Freire (2019) chama de ensino bancário em sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

Parte-se do pressuposto de que a aprendizagem é o elemento nuclear da prática docente, logo, compreende-se esta como um objeto de pesquisa, ou seja, a aprendizagem torna-se ponto de partida e pressuposto orientador do método de ensino de história. Neste caso, a aprendizagem histórica pressupõe a interiorização de novas qualidades com o objeto que está sendo aprendido (SCHIMIDT, 2017), no caso, a experiência temporal da humanidade, a cultura situada no tempo.

[...]na perspectiva ruseniana, a aprendizagem constitui a centralidade da Didática da História e que seus fundamentos estão na própria ciência da História, porque a especificidade da aprendizagem histórica só pode ser entendida se forem também entendidos os respectivos processos e formas de lidar com a experiência do passado.

Pois é somente por intermédio desses processos que o passado se torna história.(SCHIMIDT, p.62, 2017)

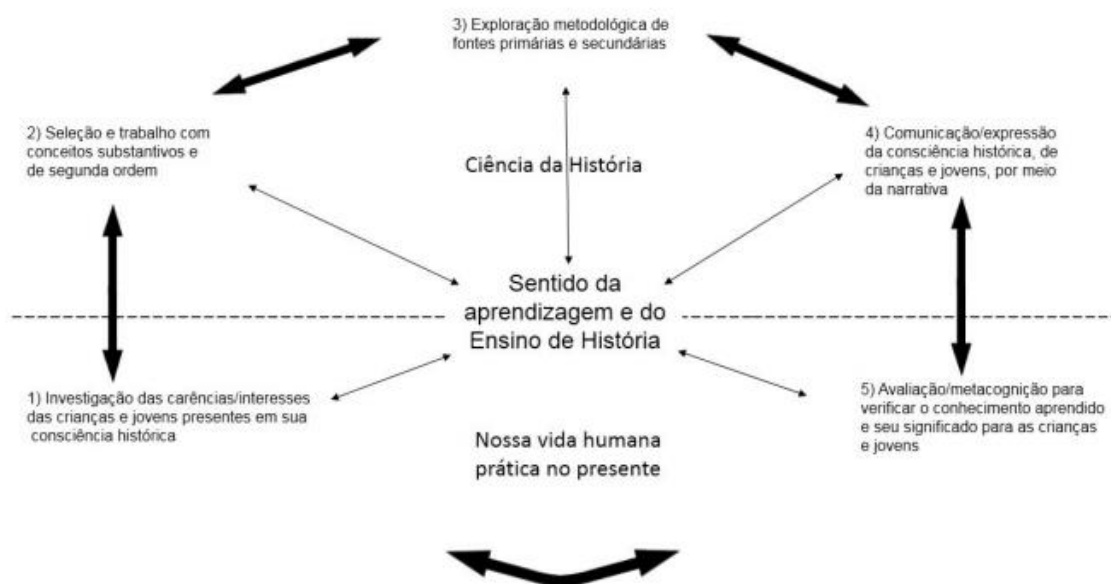
A apropriação da obra de Rüsen nessa abordagem envolve o uso das categorias cultura histórica e consciência histórica, pois, relaciona o pensamento histórico com a prática de sua formação, tendo em vista que, nesta perspectiva de compreender o ensino de história, considera-se o estudante como um sujeito da/na história. Busca-se realizar a orientação e mediação de um processo de “ganho” de experiência, de desenvolvimento da consciência histórica, que envolve um processo de formação de identidade, uma atividade mental que está voltada à interpretação do presente a partir do conhecimento das experiências vividas pela humanidade e que fazem sentido para a vida prática, buscando desenvolver a capacidade de orientação no tempo, perspectivando o futuro, trata-se do pensar historicamente.

Desta forma, compreende-se a consciência histórica como um modo pelo qual a relação dinâmica entre *experiência do tempo* e *intenção no tempo* se realiza no processo da vida humana. Neste sentido, o ensino de história, está focado na aprendizagem histórica, que, por sua vez, tem como pressuposto o desenvolvimento ou formação da consciência histórica. Este processo de formação de consciência está diretamente ligado à construção do sentido histórico, que, potencialmente, é capaz de criar/recriar identidades, articulando o conhecimento teórico da história com a vida prática.

A consciência histórica, enquanto lugar mental da cultura histórica, baseia-se na memória, mas é, todavia, “mais histórica” na complexidade de sua relação temporal e, especialmente, em suas capacidades e procedimentos cognitivos. A consciência histórica se articula com o caráter produtivo da memória. A consciência expande a memória pela recuperação sistemática da experiência histórica e mediante a aplicação sistemática de modelos reflexivos de interpretação. (RUSEN, p.227, 2016)

A consciência histórica é um processo mental, um conjunto de operações da consciência que envolve o emocional, o cognitivo e o lado pragmático de nossas operações mentais. Este processo mental pode ser mediado através de modelos reflexivos de interpretação, é neste ponto onde entra o professor de história, articulando e explorando procedimentos metodológicos da própria disciplina, capazes de explorar o desenvolvimento da consciência histórica. Este desenvolvimento pode (e deve) ser identificado através da análise da competência de construir narrativas dos estudantes, tendo em vista que, a consciência histórica se expressa na *narrativa histórica*. Rusen apresenta alguns esquemas nos quais demonstra a relação entre consciência histórica e ciência, que alguns procedimentos de interpretação podem gerar, e a relação da didática com a formação do pensamento histórico, este por sua vez é explorado por Schmidt para a construção de uma metodologia de ensino.

## METODOLOGIA DA AULA HISTÓRICA



Fonte: SCHIMIDT, 2017, p.69.

Dentro da abordagem proposta pelo campo da Educação Histórica no Brasil, podemos encontrar aproximações da obra de Rüsen com as ideias do filósofo e educador Paulo Freire. Desta forma, a metodologia proposta por Schmidt denominada *Aula histórica*, considera o saber prévio do estudante, seu contexto histórico, estabelece relevância ao saber de experiência feito nas palavras de Freire, e o conhecimento de idéias prévias de Rüsen na construção de uma consciência de mundo historicamente crítica, no sentido de se desenvolver uma consciência histórica capaz de orientar diante da contingência.

Nesse sentido, podemos começar a enxergar possibilidades que o uso dos memes como ferramenta de aprendizagem podem proporcionar ao ensino de história. Tendo em vista que a aula histórica se estrutura em 5 etapas: (1) levantamento de ideias prévias dos estudantes, (2) identificação dos conceitos históricos que remetem às carências dos estudantes em relação ao conteúdo histórico, (3) produção de conhecimento histórico através da pesquisa, (4) produção da narrativa histórica dos estudantes e (5) avaliação/metacognição, podemos recorrer ao uso do meme como ferramenta pedagógica durante estas etapas.

Neste caso, trata-se de utilizar o potencial de percepção que o meme carrega. O próprio uso de imagens “simples” que fogem ao nosso objeto, já é capaz de contribuir para o desenvolvimento da percepção, porém o meme envolve mais do que apenas a imagem, compreendendo o mesmo como linguagem, temos que ter em mente, que a forma como este apresenta uma mistura de texto, referências, repetição e humor, é capaz de mesclar a atividade de representação da consciência com o entretenimento.

(1) *Levantamento de ideias prévias dos estudantes*- Sendo o entretenimento um espaço de alienação e informação, o treinamento da percepção da informação através deste nos possibilita o aumento da capacidade interpretativa da informação transmitida pela linguagem. No caso do meme, ao levarmos em conta que este é a linguagem das redes sociais, e estas por sua vez, como extensão de nossas consciências, tomam grande parte do tempo das pessoas atualmente, é de se esperar que os estudantes já carregam com eles certa experiência de contato com os memes.

Desta forma, torna-se pertinente utilizar o meme como potencializador da percepção. Na apresentação do meme aos estudantes, pode ser possível identificar os conhecimentos prévios sobre o tema histórico que estes carregam, trata-se de explorar a dimensão estética deste artefato da cultura histórica. Para isso, é necessário a apresentação de memes relacionados ao conteúdo histórico trabalhado, propondo uma leitura dos elementos que o criam, descrevendo-o, e analisando possíveis referências históricas ou não, junto aos estudantes. Por ser uma forma de compartilhamento de experiência, no meme existe uma instabilidade interpretativa, pois, pode gerar diversas interpretações do histórico, dependendo diretamente de uma noção breve de conhecimento acerca do tema histórico representado a partir do meme.

Nessa primeira etapa da aula, busca-se explorar a interpretação imediata do meme como um signo, pois o mesmo nos possibilita identificar certa compreensão do estudantes, a partir do seu uso como linguagem, para isso, podemos utilizar uma de suas principais características, *o riso*, ocasionado pela paródia (e a articulação de referências) é capaz de transparecer certo entendimento da informação compartilhada, desta forma podemos identificar maneiras do meme gerar sentido, podendo vislumbrar um caminho entre a interpretação imediata e a dinâmica.

(2) *Identificação dos conceitos históricos que remetem às carências dos estudantes em relação ao conteúdo histórico*: dentro desta perspectiva acreditamos que, através dos memes,

seria possível identificar processos dinâmicos de apreensão de experiência histórica que ocorrem durante a aula. Sendo assim, é possível mediar o “ganho” de experiência, do desenvolvimento da consciência histórica do estudante e do próprio professor. Para isso parte-se do contexto do estudante, buscando identificar suas carências de orientação em relação ao conteúdo histórico, recorrendo a uma ocorrência memética com o tema para depois se valer do histórico identificado no meme pelos estudantes como norte para uma pesquisa que parte da interpretação que os mesmos tiveram em um primeiro contato com o conteúdo através do meme.

(3)*Produção de conhecimento histórico através da pesquisa*: nesta etapa da aula, é interessante realizar um contraponto ao meme, utilizando fontes históricas como jornais, textos, trechos de discursos e imagens para a pesquisa em sala de aula. Desta maneira, o professor precisa identificar aspectos epistemológicos da disciplina que devem ser utilizados para contribuir para a pesquisa dos estudantes, objetivando encontrar conteúdos históricos como escravidão, autoritarismo, ditadura e etc..., que façam sentido para a vida prática. Neste sentido, cabe ao professor realizar uma exposição acerca do tema, objetivando construir e problematizar junto aos estudantes o contexto histórico do conteúdo, apresentando mais memes sobre o tema para análise, a fim de relacionar produções do presente com as fontes históricas do tema, para identificar conceitos e formas de representação, para desta forma buscar mediar uma articulação entre presente e passado, entre experiência e intenção no tempo.

Este manejo de fontes e ocorrências meméticas pode induzir o estudante a realizar uma análise do histórico no meme. Este objeto apresenta como potencialidade comunicacional a *repetição*, o que pode levar ao estudante a apenas repetir uma opinião sobre o conteúdo histórico exposto no meme. A aula histórica que utiliza o meme como linguagem precisa buscar romper com a cópia, direcionando o estudante a questionar o histórico do meme através do contato com fontes históricas, para desta maneira buscar desenvolver a interpretação dinâmica para uma interpretação final, que, no caso dos memes, envolveria partir de um processo de entendimento da mensagem transmitida para uma interpretação que não só entende a mensagem, mas também questiona suas bases e o sentido da experiência compartilhada através desta forma de linguagem.

(4)*Produção da narrativa histórica dos estudantes*: desta forma, o meme apresenta-se como uma ferramenta na construção do pensamento histórico enquanto *motivação*, *interpretação* e *orientação* sendo utilizado como linguagem para acessar a experiência

histórica através da pesquisa. Ainda assim, há mais para ser explorado com essa ferramenta, é possível utilizá-lo como uma proto-narrativa, objetivando a construção de narrativas dos estudantes a partir do meme. Para isso, o professor pode optar por dois caminhos que exploram a característica do meme de *recriação*.

O primeiro seria propor aos estudantes a construção de uma narrativa através da pesquisa (compartilhamento) de uma ocorrência memética acerca do tema, relacionando os conceitos históricos trabalhados com o presente, realizando o que Horta(2015) classifica como jogos de linguagem. Essa atividade demandaria uma explicação expositiva dos estudantes acerca da escolha da ocorrência memética a fim de identificar o possível desenvolvimento da qualidade de leitura do meme como representação do histórico articulando nesse processo os atos de compreender e referir-se.

A segunda possível atividade seria a produção de um meme, considerando as pesquisas realizadas em sala como fundamentação teórica. Assim como na primeira atividade, o critério de avaliação que se deve considerar é a capacidade da construção de uma narrativa histórica que possa demonstrar o desenvolvimento da consciência histórica do estudante a partir do meme, envolvendo nesse processo a interpretação da experiência histórica articulando passado, presente e futuro, uma leitura da realidade vivida através da história utilizando o meme como linguagem.

(5)*Metacognição*: Após a produção da narrativa a partir dos memes, seria produtivo um compartilhamento das produções dos estudantes entre eles, a fim de estimular a auto-avaliação e buscar ultrapassar a questão de apenas identificar o histórico no meme, mas também encontrar o lugar dos memes na história, como influenciam e seus impactos na sociedade atual, identificando como este objeto é capaz de transmitir mensagens, sentimentos e experiências. Trata-se de buscar uma visão crítica em torno destes artefatos da cibercultura e do desenvolvimento do pensamento histórico dos estudantes após as aulas e o trabalho com esta linguagem.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Neste sentido, ao compreendermos a internet como extensão de nossas consciências, logo, compreendemos o mundo virtual como uma extensão do mundo material. Desta forma, as formas de linguagens oriundas deste meio devem ser consideradas além do mero

entretenimento e devem ser interpretadas como influentes no mundo material. No caso dos memes, encontramos uma ferramenta pedagógica que pode ser capaz de potencializar a mediação do processo de desenvolvimento da consciência histórica, sua capacidade comunicacional pode gerar frutos interessantes para as pesquisas voltadas para o ensino de história, assim também como para as pesquisas que buscam compreender o lidar com a memória, atualmente influenciada por este artefato da cultura histórica.

Esta fase da pesquisa foi capaz de nos proporcionar novas leituras para o uso dos memes em sala de aula, entendendo o mesmo como uma linguagem, ressaltando sua potencialidade no compartilhamento de experiência. Acreditamos que seja possível, a partir da realização de uma pesquisa empírica em sala de aula, utilizando como metodologia a aula histórica, investigar as potencialidade do meme na construção do sentido histórico, articulando o conteúdo histórico com ocorrências meméticas e memes históricos, a fim de explorar sua capacidade comunicacional para o desenvolvimento da consciência histórica e a formação do pensamento histórico. Sendo assim, o que foi produzido aqui deve contribuir para a pesquisa empírica em sala de aula, levando em consideração os aspectos do meme como linguagem e como um artefato da cultura histórica.

O uso dos memes em sala de aula, assim como de outras linguagens e objetos oriundo das redes sociais e da cibercultura, podem contribuir para uma relação menos prejudicial da sociedade para com as redes sociais, aliar o entretenimento que toma grande parte do tempo das pessoas hoje em dia, com a metodologia científica e a produção de conhecimento pode ser capaz de trazer à internet o melhor do seu potencial comunicacional, tendo em vista que, a partir da consolidação da noção de que a internet seja uma extensão do mundo real (de nossas consciências) seria possível buscar identificar e amenizar os problemas causados pelas relações que ocorrem no ambiente virtual como disseminação de fake news, propagação de ódio favorecida por algoritmos e etc. Trata-se de entender que a função das ciências, principalmente as humanas, envolve hoje, o aprender a lidar com este novo “metaverso”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Alessandra M.A. **A construção do conhecimento histórico a partir da produção de “memes”**. Brasília: XXIX Simpósio nacional de História “Contra os preconceitos: história e democracia”, 2017.

CADENA, Silvio R.G. **Novos objetos para o ensino de história: Os memes na sala de aula**. Recife: XII encontro estadual de História da ANPUH-PE “História e os desafios do tempo presente”, 2018.

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita; RUGGI, Júlia O. **Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rousseff no Brasil**, Campinas: Opinião Pública v.24, n.03, set-dez, p. 523-546, 2018.

COSTA, Erickson. **Os usos da História em memes do facebook**. UNILA, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2019..

HORTA, Natalia. B. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. Dissertação de mestrado, faculdade de comunicação. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2015.

MENDES, Carolina A.M; DA COSTA, Marcella A. F. **O sequestro do imaginário e a escrita da história: O caso dos memes históricos e as recepções do nazismo**. Rio de Janeiro: Revista Transversos, v.07, n.07, setembro 2016.

NIGRO, Carla B.C; SANTANA, Laís B; GOVEIA, Fábio G. **Bolsonaro: Os Memes e a Propagação do Mito**. Joinville :Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018.

OLIVEIRA, Leticia. **“Revolução no Facebook”**: em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe?. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história: uma teoria da história como ciência**. Trad. Estevão C. R. Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2016.

RÜSEN, Jörn. **¿Que es la cultura histórica?**

SCHMIDT, Maria. A. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a Didática da História.**  
Intelligere, Revista de História Intelectual. v.3, nº 2, p.60-76. outubro 2017.